

Acaba a frente e começa a guerra

Editoria de Arte

RICARDO AMARAL

BRASÍLIA — A vitória do presidencialismo no plebiscito do dia 21 — prevista em todas as pesquisas — está marcada pelo primeiro movimento dos candidatos à sucessão de Itamar Franco, que tiveram seus nomes lançados um ano e meio antes da eleição. Os que se declararam presidencialistas desde o começo — numa frente que uniu adversários históricos como Orestes Quércia (PMDB), Leonel Brizola (PDT) e Antônio Carlos Magalhães (PFL) — agora armam o jogo para enfrentar Luís Inácio Lula da Silva (PT) e Paulo Maluf (PPR), que encabeçam as pesquisas para 1994.

Um dos mais experientes caciques desse time, o governador Antônio Carlos Magalhães avalia que “sair na frente nessa corrida é uma forma de ganhar pontos no final”. Ele mesmo, no entanto, prefere se fixar na política baiana, lançando-se provavelmente candidato ao Senado, para “ter autoridade nas próximas articulações nacionais”. O projeto do governador é defender um candidato que se destaque como bom administrador.

— O povo está avisando que se cansou das armações políticas e precisa de um bom administrador — disse Antônio Carlos.

Essa expectativa pode até levar o PFL do governador da Bahia a apoiar o nome de dois derrotados do plebiscito, o presidente do PSDB, Tasso Jereissati, ou o governador do Ceará, o também tucano Ciro Gomes. Mas a aliança com o PSDB é cobiçada pelo PT de Lula, que trabalha com a perspectiva de um acordo nacional, cedendo aos tucanos a candidatura ao governo de estados como São Paulo e Bahia.

— A realidade eleitoral vai levar os partidos a uma aliança já no primeiro turno. Em aliança com o PT, o PSDB terá um melhor desempenho nas eleições estaduais — acredita Lula.

Ele tem toda a sua agenda eleitoral programada, embora não admita estar em campanha. Ele inicia três dias depois do plebiscito um roteiro político-senti-

mental de Garanhuns (PE) até Santos (SP), repetindo a viagem que fez como pau-de-arara quando criança. Tem mais três grandes viagens programadas (Amazônia, Centro-Oeste e Sul do país), mas pára em junho para o encontro nacional do partido, quando sua candidatura deve ser oficialmente lançada.

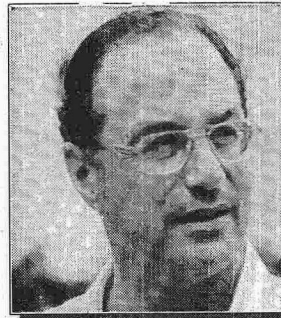
No extremo oposto, o prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, decidiu acumular forças para 1994, depois de aproveitar o plebiscito para dar um salto nas pesquisas. A opção de Maluf pelo parlamentarismo trouxe o prefeito para o mesmo campo dos políticos de centro-esquerda, o que foi um ganho para a sua estratégia política. E foi nesse período que ele conseguiu montar o PPR, terceira força do Congresso. Depois do dia 21, ele se concentra em São Paulo, para fazer de sua administração uma vitrine e, formalmente, condena a antecipação da campanha.

— Estou preparado para 1994 como estou para 1999, desde que a discussão venha na hora certa. Não assumi o parlamentarismo por uma questão eleitoral. Apoiei o que moralmente acho necessário mudar — diz o prefeito.

O virtual resultado do plebiscito praticamente ressuscitou duas outras candidaturas, desgastadas pelo tempo — a de Leonel Brizola e a de Orestes Quércia. Brizola usou o horário de seu partido na TV, durante a campanha do plebiscito, para se recuperar do desgaste produzido por seu apoio ao ex-presidente Fernando Collor. Segundo as pesquisas, conseguiu retomar o terreno perdido. Quércia conseguiu uma vitória sobre os parlamentaristas do PMDB, concentrados na bancada do Rio Grande do Sul.

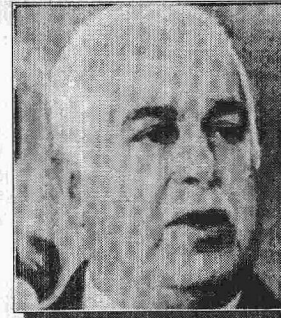
Agora, prepara-se para o segundo round, que será decisivo: reeleger-se presidente do partido na convenção marcada para 30 de maio. Encerrado o plebiscito, Quércia inicia um roteiro de viagens para os estados onde é maior a oposição a seu nome. Ele próprio reconhece que só vencendo essa etapa pode se escalear para o jogo final.

Roteiros para a sucessão



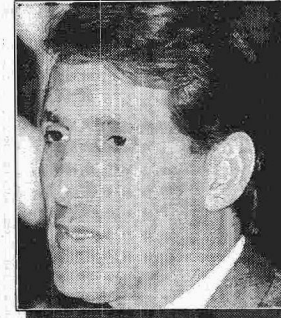
Maluf

Já avançou muito na sua caminhada com a formação do PPR e com a sua presença na campanha parlamentarista. Vai concentrar esforços na administração de São Paulo, que deseja ter como vitrine na campanha, e buscar alianças com outros partidos ao longo do ano.



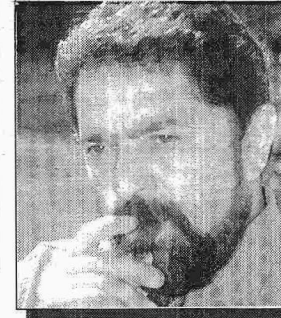
Antônio Carlos

A partir de agosto, começará a trabalhar pela necessidade de um candidato com perfil de bom administrador. Espera fixar essa tese para construir uma candidatura alternativa à de Maluf pelas forças de centro. Se apresentará como candidato ao Senado para fazer a articulação.



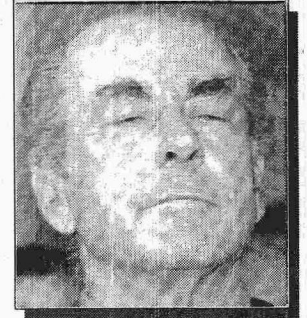
Quércia

Precisa passar primeiro pela convenção que escolherá o presidente do PMDB, no dia 30 de maio. Por isso, iniciará logo após o plebiscito um roteiro de viagens a Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul e outros estados onde enfrenta dificuldades eleitorais.



Lula

Tem quatro roteiros programados: Nordeste, Amazônia, Centro-Oeste e Sul. Deve ser lançado candidato em junho, no encontro do PT. Insiste em uma aliança com o PSDB, que teria o direito de indicar candidatos a governador em estados importantes, como São Paulo.



Brizola

Nunca deixou de estar em campanha, mas, como sempre, sem um cronograma decidido. Logo após o plebiscito, irá à Europa, para uma reunião da Internacional Socialista. Só vai assumir a candidatura à Presidência da República na convenção do PDT, em 1994.